

Profissão de fantasmas

Ewandro Magalhães (Monterey Institute)

Vista de longe a tradução simultânea parece mágica. Vista de perto, parece loucura. Os intérpretes têm que ouvir e falar ao mesmo tempo, repetindo em outra língua palavras e idéias que não são suas, sem perder de vista o conteúdo, a intenção, o sentido, o ritmo e o tom da mensagem transmitida por seu intermédio. Não têm qualquer controle sobre a complexidade, a velocidade, a clareza ou a lógica do apresentador. Precisam atentar para a concatenação de seu próprio discurso, lembrando-se do ponto exato em que largaram cada frase, para fechar com correção um parêntese aberto pelo palestrante em forma verbal subjuntiva. Precisam tomar decisões instantâneas, ininterruptamente. Precisam administrar uma comunicação

silenciosa com colegas de cabine, trocando olhares e anotações, fazendo consultas a documentos e dicionários, retardando a tradução de alguns trechos até que o entendimento esteja completo. Como se não bastasse, estão a metros de distância do apresentador, impossibilitados de qualquer interrupção para esclarecimentos. Dá mesmo para duvidar que seja possível.

Talvez por isso, a tradução simultânea – ou interpretação de conferências, para usar o jargão correto – tem exercido um certo fascínio sobre o imaginário popular, com muita gente se perguntando coisas do tipo: Como é possível ouvir e falar ao mesmo tempo? E se o intérprete esquecer uma palavra? E se der um branco na hora? E se ele entender tudo errado? Como é que eles conseguem?

Essa curiosidade, antes restrita a conversas menores, em círculos privados, é agora explorada de modo igualmente curioso. O ofício da interpretação passou a ser focado, direta e indiretamente, em diversas obras de ficção para o grande público. Tomemos o



Foto: Chico Ferreira

LLOSA, Mário Vargas. Travessuras da Menina Má. Tradução: Ari Roitman e Paulina Wacht. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2006. 304 p.

exemplo do filme *A Intérprete*, de Sidney Pollack, que não apenas foi um grande sucesso de bilheteria mas também o primeiro a ser filmado na sede da ONU, em Nova York, privilégio antes negado até a Alfred Hitchcock. No longa-metragem, a protagonista vivida por Nicole Kidman é uma intérprete das Nações Unidas que inadvertidamente toma ciência de um plano para assassinar o odioso ditador de seu imaginário país africano, numa trama de grande suspense.

Um pouco mais realista e específico, mas ainda no reino da ficção, é o romance *The Interpreter*, de Kim Suki. Neste, a trama tem por centro a vida de uma jovem intérprete coreana que usa seu trabalho para desenterrar detalhes de seu próprio passado. E em livro homônimo, Suzanne Glass – que a propósito tem de fato formação como intérprete de conferências – explora a questão do sigilo profissional, expondo o drama vivido por Dominique, que se inteira de um plano para ocultar uma suposta cura para a AIDS. Mais espionagem e mistério.

Outro romance, *O Canto da Missão*, escrito pelo britânico John le Carré, traz como protagonista Bruno Salvador – Salvo, para os íntimos –, competentíssimo intérprete de línguas africanas, entre as quais o suaíli. Em meio a muitas observações interessantes sobre o trabalho dos intérpretes e a natureza das línguas, le Carré nos oferece mais uma história de suspense.

Mas a obra de ficção mais interessante a indiretamente abordar o trabalho de um intérprete foge ao gênero espionagem. Curiosamente, é uma história de amor. Segundo o autor, um amor moderno, condicionado pelo mundo em que vivemos e mais próximo da realidade que o literário amor romântico. Narra as desventuras muitas de Ricardo Somocurcio, um peruano apaixonado por uma mulher cujo amor sempre fugaz ele busca, ao longo de quatro décadas. Trata-se de *Travessuras da Menina Má*.

Longe do clichê glamoroso que teima em mostrar intérpretes como verdadeiros diplomatas e membros do jet-set internacional, sempre rodeados de celebridades, ora em Milão, ora em Tóquio, com escalas obrigatórias em Londres e Paris, o autor Mario Vargas Llosa inova ao caracterizar nosso intérprete como um homem simples e até ingênuo. Embora Ricardo também viaje pelo mundo e viva em Paris como intérprete da Unesco, sua amada, arrivista social patológica, faz dele gato e sapato, exibindo, além disso, um despudorado escárnio pelo ofício da interpretação, essa “profissão de fantasmas”.

Entre inúmeros desencontros, numa trama recheada de mentiras, Vargas Llosa, que em sua vida de escritor e dublê de político deve ter-se exposto com frequência ao trabalho

de intérpretes, faz boa reflexão crítica sobre a impessoalidade e o caráter um tanto frustrante do trabalho de um intérprete. No dizer de Lily, a manipuladora menina má do romance, Ricardo é “alguém que só é quando não é, um hominídeo que existe quando deixa de ser o que é para que por ele passem melhor as coisas que pensam e dizem os outros”.

Numa trajetória reproduzida de fato por muitos dos intérpretes de hoje, o protagonista começa atuando como tradutor (espanhol-francês) e vai aos poucos migrando para a interpretação à medida que agrega novas línguas passivas – inglês e russo, no caso. A obra aborda também a dificuldade de se obter os primeiros trabalhos como intérprete, num círculo profissional bem mais fechado que o de tradutores e onde as associações profissionais, “verdadeiras máfias”, só admitem novos membros “a contagotas”.

Além de nos brindar com a história de uma paixão arrebatadora, *Travessuras da Menina Má* oferece um bom panorama das transformações sociais e políticas da Europa e, sobretudo, da América Latina em anos recentes. Tudo permeado por certo distanciamento lírico, boas pitadas de humor, e constatações nem sempre doces de alguém que percebe ter traduzido milhões de palavras sem ao final lembrar-se de nenhuma, “porque nenhuma merecia ser lembrada”.

Vale a pena a leitura, pelo estilo rico e agradável de Llosa, pela renúncia à fórmula fácil do suspense, pela crítica que não chega a ofender-nos e pela perspectiva um tanto mais realista do que nos define como intérpretes ou amantes, num mundo que pode ser charmoso e chique, mas que também tem seu lado vil.

Ewandro Magalhães é radicado nos EUA e intérprete *freelancer* do Departamento de Estado americano e de diversos organismos internacionais como o FMI, a OEA, o Banco Mundial, e a OPAS; autor do livro *Sua Majestade, o Intérprete – O fascinante Mundo da Tradução Simultânea* (2007), e professor-adjunto do Monterey Institute. (www.ewandromagalhaes.com)